[Recensão a] Fulvio mario Broilo, Iscrizioni Lapidarie Latine del Museo Nazionale Concor- diese di Portogruaro (I a.C. — III d.C.)

Autor(es): D'Encarnação, José

Publicado por: Imprensa da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/45712>

DOI: DOI:https://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_21_10

Accessed : 26-Apr-2023 13:47:14

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

FACULDADE DE LETRAS
INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

CONIMBRIGA

VOLUME XXI

UNIVERSIDADE DE COIMBRA

1982

exacta do texto epigráfico tal como ele foi transmitido; 2.^a) as exigências tipográficas. Ou seja: *a clareza deve aliar-se à economia*. Somos, por isso, contra a multiplicação de sinais, contra a utilização de minúsculas para indicar as letras que estão na epígrafe, contra a transcrição do texto uma linha em cada linha (sem utilização da barra para a translineação) ; julgamos que um comentário paleográfico sucinto é imprescindível para esclarecer que letras se reconstituíram, se omitiram por lapso, se vêem mal, quantas poderão faltar... — evitando, assim, a adopção de sinais diacríticos para cada um destes casos.

Debruçámo-nos igualmente com atenção sobre o noticiário do Instituto (1976-77 a 1978-79). É, por exemplo, bem demonstrativo do dinamismo dos seus investigadores o facto de, nesses três anos, se terem estudado 17 000 novas inscrições da cidade de Roma e se terem defendido 20 teses em Epigrafia Latina e 11 em Epigrafia Grega.

As trinta estampas, que completam o volume, são de excelente qualidade.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO

FULVIO MARIO BROILO, *Iscrizioni Lapidarie Latine del Museo Nazionale Concordiese di Portogruaro (I a.C. — III d.C.)*—I. Edição de Giorgio Bretschneider, Roma, 1980, 142 p., ilustr. *Collezioni e Musei Archeologici del Veneto*, n.º 16 (coleção dirigida por Gustavo Traversari).

Trabalho exemplar — é o mínimo que se pode dizer deste catálogo, pela sua clareza, metodologia e precisão. Uma obra que honra a investigação epigráfica italiana.

De excelente apresentação gráfica, óptimo o papel e muito boas fotografias, este I volume inclui o estudo de setenta monumentos epigráficos da antiga *Concordia*, guardados (salvo o n.º 8a) no Museu de Portogruaro, datáveis do Alto Império. Estudo a ser continuado num segundo volume, que conterà também as inscrições perdidas de Concórdia e seu território, bem como os textos existentes fora do museu, reservando-se para o terceiro as inscrições dos séculos IV-VI.

Um dos aspectos mais salientes da obra é a definição imediata dos «critérios de publicação» (p. 11-12). E se já a «premissa» (p. 9) nos mereceu atenção por acentuar que é o facto de as peças terem uma «origem homogénea e geograficamente bem delimitada» que permite detectar, pela sua análise, características comuns e modas preponderantes — é a clara enumeração do que se vai fazer, como e porquê, que nos parece digna de relevo, pois ela é fundamental e raramente se apresenta em publicações deste tipo.

Em primeiro lugar, *o critério de arrumação dos monumentos*: o do *CIL* para os textos religiosos, imperiais, senatoriais, equestres, militares e muni-

cipais; um critério tipológico (não de ordem alfabética dos gentílicos, como é habitual) para os textos de carácter privado. Confessemos que tivemos aqui uma certa dificuldade em discernir, por exemplo, porque é que o n.º 56 vem depois do 55, sendo ambos monumentos, privados, classificados como «stele in calcare del Carso», o primeiro dedicado a *Domitius Zosimus* e o segundo a uma *Saturnina*. Cremos que teria sido útil, neste caso, explicitar mais o critério: agrupamento por semelhanças textuais, pela condição social, pela onomástica, pela decoração?

Quanto ao processo de *descrição do monumento*, achamo-lo impecável : depois de, em título após o número de catálogo, se indicar o tipo de monumento, o material de que é feito e o número de inventário, dão-se em itálico as seguintes informações: medidas, colocação no museu, lugar de achado e permanência até ir para o museu e estado de conservação. A clareza e o bom poder de síntese são também aqui qualidades a assinalar, talvez só ausentes na descrição do n.º 34, peça bastante alterada pelo baixo-relevo em que se viria a transformar — necessita-se de certa perspicácia para discernir de imediato o que resta actualmente do texto original e como se procedeu à sua reconstituição.

Após uma descrição muito correcta e com ajustada terminologia (apesar de o estudo da decoração estar programado para outro volume), frisando-se mesmo como o monumento foi trabalhado — vem a interpretação do texto, em minúscula, sem indicação de pontuação, respeitando-se as linhas epigráficas com a altura das letras ao lado de cada uma.

Não se dá tradução e faz-se, em seguida, um comentário paleográfico simples. Não se alude, porém, sistematicamente, à paginação, aspecto que assume bastante interesse e que, se nos agradou ver assinalado na p. 54 (n.º 19), nos parece também importante em relação ao n.º 8 (p. 26): aí todo o espaço em branco deixado na l. 5 após TR.PL afigura-se-nos propositado, destinado a incluir as magistraturas seguintes eventualmente exercidas pelo homenageado, que, aliás, pouco depois assumiu a pretura (p. 28).

Atenção é dada aí, correctamente, a aspectos de execução das epígrafes: no n.º 23 (p. 60) explicita-se bem que o diferente módulo da invocação aos Manes implicou gravação anterior ao restante texto; e, no comentário ao n.º 58, tal problema é bem focado também — o monumento aguardava na oficina para ser terminado ao gosto do cliente e receber um texto; neste caso, até as linhas de pauta já gravadas acabaram por não serem respeitadas.

A paleografia serve habitualmente como critério de datação. Fulvio-mario Brodo soube ser cauteloso, comparando com textos de áreas vizinhas, atentando no conteúdo da epígrafe, não menosprezando os elementos decorativos (por exemplo o penteado — n.º 21).

Por último, o comentário histórico-prosopográfico, inteligente, rigoroso, feito a maior parte das vezes linha a linha, bem apoiado em bibliografia (citada sempre no texto e nunca em nota de rodapé), referindo-se quando oportuno outras inscrições e os testemunhos das fontes literárias. Essa análise resulta coerente e só num ou noutro pormenor pode por vezes

suscitar dúvidas. Indiquemos, a título de exemplo, algumas das muito escassas que nos ocorreram :

1) Na pág. 18, em relação a *T. Flavius Helius, frumentarius*, aponta-se a ausência de filiação como critério cronológico: tal não será antes um índice de que *Helius* é liberto?

2) Na p. 30 (n.º 10), será *Perses* (e não *Persa*) o nominativo correspondente ao dativo *Persae*, quando o próprio n.º 55 também refere um *Persa* ?

3) Na p. 46, as referências ao *primipilatus* são adequadas; importaria talvez citar o trabalho de S. J. DE LAET sobre o papel deste cargo militar como preliminar da carreira equestre (*Le rang social du Primipile à l'époque d'Auguste et de Tibère*, «L'Antiquité Classique» IX, 1940, p. 13-23).

E se na p. 25 (n.º 7) é uma questão de pormenor a leitura [P]ARTH[ICI] em vez de [P]ARTHI[CI] (que nos parece mais correcta), a interpretação do n.º 48 (p. 107-108) merece um pouco de reflexão: *Pardala*, ao contrário do que o Autor parece indicar, não é expressamente citado por Kajanto, que traz apenas *Pardulus*—• é cognome que não encontramos outras vezes e cuja terminação em *-a*, no masculino, radica precisamente na flexão grega. O monumento não foi reconstituído no final da 1.2, como a ausência de vestígios do gradim aí se nos afigura insinuar (pelo menos na foto)? Daí a nossa reconstituição, rejeitando o genitivo da 1.2, um tanto aberrante se considerarmos que o epitáfio começa pela saudação HAVETE —SER(vius) IVLI[VS]/ PARDALA... Era o epitáfio de *Servius Iulius Pardala* e sua filha *Iulia Serena*, seus libertos e libertas (cremos não se justificar um dativo na 1. 7). Na 1. 8, preferimos *V(ivi) F(ecerunt)* ou quando muito *V(ivus) F(ecit)* a *V(ivus) F(eci)*. As últimas duas linhas — IVLIAE CARPIM(e) / LIB(ertae)—foram acrescentadas depois, justificando-se assim o dativo, pela incompreensão das linhas precedentes.

A bibliografia, posterior ao *CIL*, é indicada no final de cada comentário, apontando-se também a proveniência das fotos.

Precedem ainda o catálogo propriamente dito — que é, de facto, muito mais do que um simples catálogo — duas utilíssimas informações: o elenco das abreviaturas e a explicitação dos sinais diacríticos usados.

No final do volume, o índice dos nomes (*nomina* e *cognomina*), anunciando-se desde já os índices epigráficos completos para o segundo volume, onde serão também mais desenvolvidos os comentários de conjunto. Segundo volume que, por isso mesmo, e atendendo ao que o primeiro nos mostra, ficamos a aguardar com o maior interesse.

JOSÉ D'ENCARNAÇÃO